

Índice

EDIÇÃO 2236 | ANO 44 | Nº 39
TIRAGEM 1.195.796 EXEMPLARES

veja



CLAUDRIGATTI

Alencar Burti: um mar de leis, normas e portarias PÁG. 90



CLAYTON DE SOUZA/AF

Câmbio: como ele afeta o seu dia a dia PÁG. 78

- 12 | **Carta ao Leitor**
- 17 | **Entrevista** Roberto DaMatta
- 24 | **Lya Luft**
- 32 | **Leitor**
- 46 | **Blogosfera**

DaMatta: "O PT enterrou o ideal de pureza" PÁG. 17



OSCAR CABRAL

Brasil

- 68 | **Corrupção** A elite de Brasília, as festas e a impunidade
- 74 | **Eleições** Por que o PT quer o financiamento público de campanhas
- 76 | **Pará** Outra vez: menor é estuprada por presos na cadeia



ALTON DE FREITAS/AG. O GLOBO

Sarney: influência e impunidade PÁG. 68

Panorama

- 49 | **Imagem da Semana**
- 52 | **Datas**
- 54 | **Holofote**
- 56 | **SobeDesce**
- 56 | **Conversa com** Rodolfo Basílio
- 57 | **Números**
- 60 | **Radar**
- 64 | **Veja Essa**

Andrés: Ferrari contra o Fusquinha PÁG. 64



ILUSTRAÇÃO: LEZIRO JUNIOR

Economia

- 78 | **Câmbio** O fim do dólar baixo e os efeitos no seu bolso

Geral

- 84 | **Polícia** Menino atira em professora e se mata
- 85 | **Ciência** A enigmática experiência que desafiou Einstein
- 86 | **Gente**
- 90 | **Justiça** As leis que atazanam a vida do cidadão



ADAM DEAN

China: migração cria órfãos de pais vivos PÁG. 102

- 102 | **Esporte** Pesquisa mostra: poucos praticam atividade física no Brasil
- 110 | **Especial** A China às portas de uma nova revolução

Guia

- 124 | **Filhos** Cuidado com os exageros nas atividades extracurriculares
- 129 | **Programas** de intercâmbio para os pequenos

Artes & Espetáculos

- 130 | **Televisão** A estreia da série *The Killing*
- 134 | A volta de *Two and a Half Men*, sem Charlie Sheen
- 136 | **Livros** O lado obscuro de Coco Chanel
- 138 | **Música** SuperHeavy, a nova banda de Mick Jagger
- 139 | O fim da banda R.E.M.
- 140 | **Veja Recomenda**
- 141 | **Os livros mais vendidos**
- 142 | **J.R. Guzzo**

The Killing: a nova série policial PÁG. 130



DIVULGAÇÃO

Perfume de traição

Novos livros revelam o lado mais obscuro de Coco Chanel, incluindo a sua colaboração com o nazismo

MARIO MENDES

Gabrielle “Coco” Chanel (1883-1971) foi, além de um gênio da moda, uma mulher sedutora, rancorosa e assombrada pelo passado — chegou a inventar toda uma infância feliz, com direito a pai herói romântico e austeras tias aristocráticas, para esconder a origem humilde de menina criada num orfanato católico. Porém, acima de tudo, Chanel foi uma sobrevivente. É isso que fica mais evidente nos dois novos livros que exploram aspectos da vida da estilista que outros biógrafos — além de três filmes, um musical e uma peça de teatro — deixaram passar quase em branco. Em *O Segredo do Chanel Nº 5* (tradução de Talita Rodrigues, Rocco, 304 páginas, 39,50 reais), a americana Tilar J. Mazzeo (autora também de um livro sobre o champanhe Veuve Clicquot) revela a personagem por meio da história de sua mais famosa criação — e responsável por sua imensa fortuna. Tilar apresenta uma mulher de negócios habilidosa e brilhante estrategista de marketing e branding, muito antes de esses termos serem cunhados. Também narra a tumultuada relação da estilista com os Wertheimer, a família que controlava a produção e a distribuição do perfume e hoje é proprietária da marca. Pierre Wertheimer teria sido um eterno apaixonado por Chanel, apesar de ela frequentemente acusá-lo de roubo. Mas é *Dormindo com o Inimigo — A Guerra Secreta de Coco Chanel*, do jornalis-



ta americano Hal Vaughan (tradução de Denise Bottmann, Companhia das Letras, 368 páginas, 43 reais), o responsável pelo verdadeiro furor do atual momento Chanel (há ainda outras duas biografias publicadas recentemente na Europa e nos Estados Unidos). O livro versa sobre a sempre comentada, mas até então nunca comprovada, colaboração da estilista com os alemães durante a II Guerra. Não ficam de fora, ainda, os possíveis romances com outras mulheres e o vício da morfina, que ela usou como tranquilizante até o fim da vida.

Resultado de três anos de pesquisa em arquivos dos serviços de inteligência britânico, alemão e russo — liberados para o público apenas no fim da década passada —, *Dormindo com o Inimigo* descreve minuciosamente as atividades de Chanel durante a ocupação nazista, inclusive suas duas missões na Espanha. Até então, sabia-se que “mademoiselle” — como ela exigia ser chamada, com um toque amargo de autoironia para ressaltar o status de solteirona — havia fechado sua maison em 1939, decretando que “estes não são tempos para vestidos”. Em seguida, isolara-se em uma suíte do hotel Ritz, onde recebia apenas um oficial alemão, bem mais jovem, com quem viveu um tórrido romance. No mais, ela teria preferido ficar em Paris, porque, assim como o pintor espanhol Pablo Picasso, era célebre demais para ser molestada pelos invasores:



SACERDOTISA DO CHIC *Mademoiselle nos anos 30 com suas marcas registradas — pretinho básico, pretinho básico, pérolas e cigarro: antes de tudo, uma sobrevivente*

HUTTON ARCHIVE/GETTY IMAGES



DIVULGAÇÃO

um desafiador símbolo do refinamento francês diante da truculência germânica. O problema é que, além de ser um oficial invasor, seu amante, o barão Hans Günther von Dincklage, era agente do serviço de espionagem nazista que atuava na alta sociedade parisiense desde 1934. E Chanel era sua informante. Vaughan fornece, inclusive, o número de inscrição de Chanel como espiã alemã e seu codinome: Bendor, ironicamente o apelido de seu ex-amante, o duque de Westminster, um dos melhores amigos de Winston Churchill. As conexões com a realeza britânica e, sobretudo, com Churchill eram o que Chanel tinha de mais precioso a oferecer aos alemães.

Apesar de mostrar Chanel como traidora da pátria, homofóbica (em relação a homens) e antissemita (daí a relação de amor e ódio com os judeus Wertheimer), Vaughan não desenha um retrato totalmente



DIVULGAÇÃO

LIGAÇÕES PRECIOSAS

Chanel com Churchill nos anos 20 (ao lado) e o amante Von Dincklage (acima): ela não conheceu o fracasso

desfavorável. De acordo com ele, há motivos que justificariam certos comportamentos da estilista. Seu sobrinho e filho adotivo, André Palasse, fora enviado a um campo de concentração alemão em 1940, enquanto uma amiga inglesa — e suposta amante —, Vera Bates, se encontrava em maus lençóis em Roma, acusada pelos fascistas de ser agente inimiga. Chanel, claro, estaria

disposta a tudo para salvar os dois. Havia também a questão financeira, muito menos nobre: ela procurava recuperar o controle da empresa de seu perfume através da lei de "arianização dos negócios" imposta pelos alemães na França ocupada. Os Wertheimer, no entanto, ao se transferirem para Nova York, antes da guerra, haviam passado a empresa para o nome de um francês não judeu. Ainda que a apresentação de provas documentais e algumas transcrições de relatórios emperrem a narrativa da aventura da Chanel espiã, Vaughan recupera o fôlego na conclusão, ao mostrar como ela e outros notáveis colaboracionistas, como Maurice Chevalier, Jean Cocteau e Sacha Guitry, escaparam da cadeia e da pena de morte. "Os ricos, os espertos e os bem relacionados escaparam à punição", afirmou um integrante da Resistência. Já a sempre prática Chanel, ao fazer um balanço da vida pouco antes de morrer, resumiu a coisa toda da seguinte forma: "Jamais conheci o fracasso". ■